



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



BETANIA MOREIRA DA SILVA

RELEMBRANDO COM O CÉREBRO E COM O CORAÇÃO

Ji-Paraná/RO
2017

BETANIA MOREIRA DA SILVA

**RELEMBRANDO COM O CÉREBRO E COM O
CORAÇÃO**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof^a Msa Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRET
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



RELEMBRANDO COM O CÉREBRO E COM O CORAÇÃO

BETANIA MOREIRA DA SILVA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Prof^ª. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof^ª. Msa Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof .Dr. Wendell Fiori de Faria

Membro: Prof.Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano

**Ji-Paraná/RO
2017**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
1. MINHA GENESE.....	6
2. CONHECENDO UM NOVO MUNDO.....	8
2.1. Primário: aprendendo a ler, a gostar de matemática e a escrever Maça.....	8
2.2. Ginásio: a experiência como monitora e a primeira nota vermelha.....	12
2.3. Ensino Médio: uma nova escola e as dúvidas sobre o futuro.....	14
3. PROFESSORES E SUAS PERSONALIDADES.....	16
4. O ENSINO SUPERIOR E AS DISCIPLINAS APAIXONANTES.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

APRESENTAÇÃO

Neste Memorial de formação relatarei as minhas memórias escolares, algumas relembrei com o cérebro, aquelas que eu fiz um esforço para lembrar, outras com o coração, que são as que eu guardei num lugar mais especial, pois foram momentos marcantes nessa caminhada. Além disso, também apresento outras que tive a ajuda da minha mãe para lembrar.

Para compreender melhor o que é um Memorial me amparei nas palavras de Antônio Joaquim Severino:

O memorial constitui, pois, numa autobiografia, configura-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composta sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que de conta dos fatos e acontecimentos que construíram a trajetória acadêmico profissional de seu autor, de modo que o leitor possa ter uma informação completa, precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou as contribuições ou perdas que representou. (2007, p.245)

No primeiro capítulo abordarei a minha vida antes de ingressar na escola. No segundo capítulo discorrerei sobre a minha vida escolar, compartilharei os momentos na escola, alguns lá da década de 90 e outros mais recentes, bem como as dificuldades e as experiências adquiridas. Já no terceiro capítulo mudarei um pouco de estratégia. Os protagonistas serão os educadores, aqueles que de maneira direta ou indireta me ajudaram a caminhar e a compreender um pouco sobre o mundo. Por fim, no quarto capítulo apontarei algumas disciplinas que foram fundamentais para minha formação e escreverei um pouco sobre a importância de cada uma delas.

1. GÊNESE DA MINHA HISTÓRIA

O ano era 1991, o mês outubro e o dia 17: aí que minha história começou. Sou a terceira filha do casal José Moreira e Dorvalina Luiz. Quando nasci, meus pais já tinham um casal de filhos. Depois, tiveram mais um casal e mais uma filha, que faleceu ainda bebê. Sou a filha do meio. Lembro-me que meus pais nunca deram preferência para um ou outro filho, sempre nos trataram de maneira igual. Isso foi muito importante, pois não criou nenhum desconforto entre mim e meus irmãos.

Cresci numa família evangélica. Meus pais não eram do tipo rígidos demais, porém também não eram liberais demais. Era uma mistura ideal dos dois. Eram bem flexíveis, procurando sempre fazer o correto para que seus filhos se tornassem pessoas de bom caráter.

Sendo de uma família humilde, não havia muita opção de lazer (cinema, parques, viagens...), mas isso não foi motivo para não curtir a infância. Pelo contrário, isso contribuiu para usar a imaginação. A imaginação abre caminho para a criatividade, no mundo de faz-de-conta tudo era possível. Histórias eram inventadas, personagens eram criados.

Nessa década as brincadeiras aconteciam na rua, quase não se ouvia falar de tecnologia. Lembro que brincávamos na rua até anoitecer. O bairro era bem pacato, quase não tinha movimento, por isso as brincadeiras de rua eram liberadas pelos responsáveis. Meus amigos eram meus irmãos e primos, outros que eram os vizinhos ou colegas da igreja.

Quase não me lembro dessa época, então pedi a minha mãe para relatar um pouco sobre esse período. Ela então me contou: “Você quase não se misturava muito com as outras crianças, como seus irmãos, era muito parada. Brincava pouco com as outras crianças. Depois que começou a estudar, ficou mais ativa.”

Após ouvir algumas histórias contadas pela minha mãe, percebi que era uma criança muito introvertida. Tinha medo do novo, queria viver naquele mundinho, que estava tudo ótimo. Mesmo achando que meu mundinho estava perfeito do jeito que estava, tive que sair da zona de conforto e enfrentar um novo cenário: a escola.

Meus irmãos mais velhos já estudavam nessa época e tinham contato com outros alunos, novos amigos, já conheciam um novo horizonte. Eles pareciam gostar de ir à

escola, das aulas e das brincadeiras. Não recordo muito dessa época, mas lembro que meus pais sempre procuravam ajudar da melhor maneira.

Minha mãe sempre estava na Escola procurando saber como meus irmãos estavam se comportando, se havia acontecido algo. Creio que o fato dela não ter concluído o Ensino Fundamental tenha contribuído para que ela fosse uma mãe participativa no âmbito escolar. Meu pai trabalhava muito e quase não tinha tempo para participar das reuniões, ficava sabendo em casa tudo o que acontecia. Ele concluiu o Ensino Médio através do provão.

Meus irmãos mais novos estudaram na mesma escola, porém quando tinham alguma dúvida, recorriam a mim ou aos meus irmãos mais velhos, pois sabiam que poderíamos ajudar mais que nossos pais.

2. CONHECENDO UM NOVO MUNDO

Minha vida era muito tranquila, sem muitas novidades. Era uma rotina boa, gostava dela assim, mas um dia isso mudaria, eu sabia que iria acontecer, porém não pensava nisso, achava que iria demorar a conhecer um novo mundo, só que aconteceu mais rápido que imaginava.

2.1. Primário: aprendendo a ler, a gostar de matemática e a escrever Maçã.

Comecei a estudar no ano de 1997, aos cinco anos de idade. Iniciei no Pré de Cinco, esse nome era referente à idade das crianças daquela turma. Minha primeira professora foi a Maria José, a Zezé. Era uma professora muito boa e atenciosa. Acredito que esse foi um dos motivos que contribuíram para que eu não me sentisse tão deslocada na sala de aula. Outro motivo foi que estudavam comigo meu primo e uma amiga. Lembro que nessa época, antes do início da aula, cada turma formava duas filas: uma de meninas e outra de meninos. Cantávamos músicas/cantigas de roda, fazíamos os gestos de todas as músicas e somente depois íamos para sala.

As músicas eram muitas, mas lembro das mais cantadas: Boneco de lata, O Cravo e a Rosa, Meu Galo, Marcha Soldado, Pintinho Amarelinho, Galinha Pintadinha, 1,2,3 Indiozinhos, A Casa, e várias outras. Algumas eram relacionadas às datas comemorativas e outras aleatórias. *As músicas são muito importantes em sala de aula, através desse recurso é possível estimular no aluno algumas habilidades, contribuir para a socialização, desenvolvimento do raciocínio.*

Na sala de aula, aprendíamos a pintar, a escrever algumas palavras e as datas comemorativas. Sempre fazíamos atividades relacionadas a essas datas. As mesas não eram enfileiradas e sim formavam grupos de quatro alunos. Essa organização proporcionava muitos benefícios, aprendíamos a compartilhar conhecimentos, a respeitar o próximo, a ouvir e a ser ouvido. Sobre trabalhos em grupo Maria Augusta Sanches Rossini salienta que “motiva muito os alunos e é um recurso fantástico para o professor atingir seus objetivos” (2003, p.45).

A professora sempre lia livros com histórias curtas e divertidas. Às vezes lia na sala de aula e outras vezes na biblioteca, que era um lugar bem aconchegante. Em seguida, sempre desenhávamos a história da nossa maneira. Relembrando, hoje percebo

que os gestores e professores da Escola Antônio Bianco sempre priorizaram o ato de ler. Acho muito importante trabalhar de modo que os alunos sintam prazer no momento em que estão lendo e que esse momento seja agradável e não apenas obrigatório para o aluno.

Com o tempo acabei me apaixonando por esse novo mundo. Amava ir à escola. Era tudo muito divertido, mesmo não tendo brinquedoteca ou playground, nos divertíamos muito. As brincadeiras tradicionais eram muito importantes nessa época. Brincávamos de pega-pega, pira, bambolê, pula elástico, pula corda, rouba-bandeira, betes, pede ajuda, amarelinha.

No ano de 1998 fui para a Primeira Série, apesar do correto ser eu ter sido matriculada no Pré de Seis e somente depois cursar a Primeira Série. A turma da Primeira Série era nova para mim. Quase todos os alunos tinham seus amigos. Minha amiga tinha sido matriculada em outro horário e meu primo no Pré de Seis. Sendo eu a aluna mais nova e sem amigos, me senti isolada. Essa fase durou pouco tempo. Logo fiz novas amizades e tudo ficou bom de novo. A professora Jackeline era jovem, diferente das demais que eram mais senhoras e eram bem rígidas. Competente, a professora Jackeline gostava que os alunos participassem da aula. Isso me provocava certo pavor, porque era extremamente tímida, quase não me comunicava na sala de aula, nunca sentava nas primeiras carteiras ou no meio para não ser descoberta. Essa condição foi muito desfavorável para minha formação. Hoje percebo o quanto poderia ter aprendido se não tivesse medo de perguntar ou arriscar a responder, quando sabia as respostas.

Ainda na Primeira Série aprendi a ler, a escrever e a tabuada. Era obrigatório saber ao menos um pouco de Língua Portuguesa, ou seja, ler e escrever pequenos textos, e de Matemática, fazer as quatro operações, armar e efetuar. A professora recorria muito ao ditado. Era um dos exercícios que mais fazíamos na aula de Língua Portuguesa. Lembro que uma das palavras que demorei a aprender escrever foi maçã. Na minha mente, em toda palavra terminada com ‘ã’, deveria ser acrescentada a letra ‘o’ no final. Sempre escrevia ‘mação. Quando ia escrever parecia que as letrinhas sumiam da minha mente. Sofri um pouco para aprender a escrever.

Eu tinha muito medo de reprovar, por isso sempre procurava prestar atenção nas aulas e estudar em casa. Usávamos a Cartilha da Pipoca, um livro didático muito bonito e divertido. Esse recurso foi muito importante para que eu desenvolvesse a escrita e a leitura. Eu tinha mais habilidade com os números. Gostava de Matemática. Ficava

em casa estudando a tabuada, achava muito importante saber de cabeça, ao invés de contar nos dedos.

Tudo parecia mais fácil quando se tratava da Matemática. Encontrei nas palavras Rossini o que realmente pensava ao estudar Matemática: “Para que a aprendizagem ocorra realmente, é preciso que os assuntos façam sentido para a criança. Ela tem que ter interesse, motivo interno para correr atrás, buscar”. (2003, p.58) Os números faziam sentido, eram lógicos, chegavam a um resultado exato. O fato de ser uma disciplina apreciada por poucos me motivava a aprender cada vez mais.

Uma das normas da escola era que os alunos da alfabetização continuassem na mesma turma e com a mesma educadora. Contudo naquele ano existiam muitos alunos repetentes, mais velhos e mais “abusados” na turma. A professora procurou o melhor jeito de contornar a situação, porém era um pouco difícil. Os alunos até doze anos. Boa parte dos alunos mudaram de horário, pois não conseguiam aprender.

Se antes eu não falava na sala de aula, agora menos. Lembro que da turma anterior, ficaram eu e mais quatro colegas. Uma dessas colegas era Cláudia, nos tornamos inseparáveis. Fazíamos tudo juntas. Até que, numa segunda feira, ela não foi à aula. Depois, a professora disse em sala que ela havia falecido. Fiquei muito triste e acabei me isolando mais ainda. Com isso, tive um pequeno atraso no rendimento escolar. Demorava a copiar as atividades do quadro. Sempre era uma das últimas a sair da sala. Nessa época comecei a ir para o reforço escolar, isso contribuiu não somente para meu desempenho na sala de aula como também para meu desenvolvimento psicológico. [A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, nº 9.394 de 1996, relata em seu artigo 12º inciso V que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.](#)

Passado alguns anos, tudo voltou a ser como antes. Voltei a estudar e a me esforçar para não precisar mais de reforço. Com muita dedicação de ambas as partes, minha e da professora, consegui concluir mais uma etapa.

O ano de 1999 foi meu primeiro no período vespertino. Apesar de ser uma turma nova, conhecia boa parte dos colegas. Uns eram vizinhos, outros da minha igreja e até minha irmã mais velha fazia parte do grupo. Foi fácil me adaptar. A professora tinha seus alunos preferidos e eu fazia parte dos “queridinhos”. Na época, achava o máximo ser protegida. Como era uma aluna muito tranquila, nunca fui chamada para ir à frente

ou para responder algo em voz alta para toda turma. Somente alunos menos disciplinados recebiam esse “castigo”.

Essa professora pensava que ao poupar-me de tentar fazer, estava contribuindo para minha formação, mas a realidade era outra. Ela estava, na verdade, me “negando o direito errar, experimentar, de me sentir capaz” (2003, p.31), como aponta Rossini.

Mais uma vez sai no prejuízo. Antes não respondia por timidez e anos depois por proteção da professora. Infelizmente, essa educadora não estava preparada para ir para a sala de aula. O comportamento para ela era mais valorizado do que a participação. Resumindo, saber ler e escrever bem não me foi útil para conseguir a média do bimestre. Para isso, era importante ficar calada e ir às aulas. Graças ao meu bom comportamento consegui passar para a 4ª Série. Infelizmente, não consigo me recordar muito dessa época.

A professora da 4ª Série, Cenira, tinha uma visão bem diferente das demais, preferia que os alunos participassem das aulas, dava chances de nos expressarmos e falarmos sobre nossos pensamentos sem sermos reprimidos ou impedidos. Acredito que essa professora tinha como referência Paulo Freire, pois em suas aulas percebia que seu objetivo era ensinar e não apenas transferir conhecimento. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia Freire* (1996) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção”. A professora Cenira, tal qual propunha o autor, criava meios dos alunos participarem da aula, se interessarem pelo conteúdo e fazia os alunos descobrirem seus potenciais.

Foi na 4ª Série que me apaixonei pela leitura. Lembro que cada aluno tinha um caderno que era próprio para elaboração de texto. Toda semana a Professora levava uma figura e tínhamos que elaborar textos relacionados a esta. Foi então que percebi o quanto era importante aprender a ler e a interpretar textos. Outro momento importante que me recordo nesse ano foi o Projeto Brasil 500 pássaros. Todos os alunos da minha turma ganharam um álbum de figurinhas com os pássaros do Brasil. A cada semana ganhávamos um pacote de figurinhas para completar o álbum. Enquanto íamos colando, trocando as figurinhas a Professora falava um pouco sobre alguns pássaros. Esse foi o primeiro Projeto que lembro de ter participado.

A 4ª Série foi o ano que de fato participei das aulas. Apesar de ser ainda tímida, consegui me expressar algumas vezes e compartilhar algumas ideias. A professora

Cenira era muito dedicada, procurava atender todos os alunos da melhor maneira. Ela entendia que cada aluno tinha uma maneira e um tempo diferente para aprender.

2.2. Ginásio: a experiência como monitora e a primeira nota vermelha

Finalmente, o tão esperado momento havia chegado: estudar no ginásio. Na época, o nome ginásio era muito respeitado, principalmente, pelos pais dos alunos. Acredito que era pelo fato de muitos pais só terem estudado até a 4ª Série, logo essa etapa na vida dos filhos não era apenas comemorada pelo aluno, mas por toda família.

Confesso que toda essa euforia dos pais e dos alunos me deixou preocupada e com medo. Tinha medo de não conseguir passar de ano, por ter aumentado as disciplinas, seriam mais atividades e mais provas. Teria que estudar mais e ser mais dedicada aos estudos. Aquele medo do novo voltou, mas felizmente tudo deu certo.

A 5ª Série foi uma turma muito diferente das demais. Tive novos colegas de outras escolas, novas disciplinas e novos professores, que iniciavam na profissão. Foi um ano em que ocorreram muitas mudanças. Algumas boas e outras nem tanto.

Na 6ª Série voltei a estudar no período matutino. Apenas duas colegas da turma anterior também continuaram a estudar comigo, o que foi muito bom. Sentia-me melhor quando estava rodeada de pessoas conhecidas, desse modo a presença delas camuflava a minha, pelo menos era nisso que acreditava. Quando se falava em mudança, logo ficava insegura. Tinha medo de tudo que era novo. Tinha medo de fracassar. Criei uma teoria que quem fracassava era somente os que não se esforçavam. Felizmente essa minha teoria estava equivocada.

Eu sabia o conteúdo, porém não conseguia compartilhar. Tinha muito medo de errar. Às vezes preferia falar que não sabia a ter que me arriscar. No entanto, essa minha técnica de fingir que não sabia não colou com a professora Célia de Matemática. Ela observou que meu desempenho nas provas e atividades era ótimo então me colocou para ser monitora de classe. O Monitor tinha que auxiliar os colegas nas atividades, ajudar o professor a corrigir as tarefas e em troca não era necessário fazer as provas, mas eu preferia fazer. Como mencionei anteriormente, sempre gostei de cálculos. Achava maravilhoso solucionar problemas. Achava lindo fazer uma conta enorme para chegar a um resultado.

A Professora Célia, além de professora de Matemática, lecionava a disciplina de Ciências. Conhecendo minhas habilidades de auxiliar os alunos, me colocou para ser monitora nessa disciplina também. Ao contrário da afinidade com matemática, eu detestava ciências. Só estudava porque era obrigatório, mas, sendo uma aluna

responsável e não querendo desapontar a professora, estudava. Assim, conseguia me sair bem e ajudar os outros.

A professora de Língua Portuguesa era a Jackeline, a mesma do primário. Ela resolveu inovar também e selecionou alguns alunos para ajudá-la nas aulas. Mais uma vez fui selecionada para ser monitora. Para quem não abria a boca na sala de aula a não ser para responder a chamada, passei a ser uma das alunas mais participativas da sala.

A 6ª Série deixou saudades. Acredito que foi uma das turmas em que me mais me envolvi e participei, graças às professoras que conseguiram enxergar minha capacidade e criaram meios para que eu externasse e compartilhasse meu conhecimento de maneira simples. Agiram conforme o que se esperada de um professor, segundo Maria Beatriz Ramos:

Esse é o papel do professor. Incrementar a expectativa de sucesso nas tarefas propostas, reduzir as dificuldades que levam ao fracasso escolar, ativar os conhecimentos prévios dos alunos, dosando informações e tornando a avaliação um momento de aprendizagem. (2011, p.55)

Mais confiante em minhas capacidades, encarei a 7ª Série mais tranquila. Mudei de turno novamente, mas conhecia a maioria dos alunos. Eram os colegas da 5ª Série. Havia alguns professores novos, mas isso não me fez sentir amedrontada. Estava tão confiante que até participei da Feira de Ciências, que aconteceu fora da Escola.

A primeira Feira de Ciências Municipal aconteceu no Ginásio Gerivaldão, onde várias escolas participaram. Foi um momento muito importante. Descobri que conseguia compartilhar meus conhecimentos com outras pessoas que não faziam parte do meu meio e que isso acontecia naturalmente.

O Tema que apresentamos era sobre as DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e Métodos Contraceptivos. Mesmo sendo um tema complicado, eu e meus colegas nos saímos muito bem na apresentação, tanto que na Feira de Ciências da Escola apresentamos o mesmo tema para nossa comunidade.

Na 7ª Série tive certeza que o professor é quem faz a disciplina se tornar cativante. É ele o responsável por fazer o aluno se interessar por algo que antes considerava maçante, uma vez que, como propõe Rossini “Os professores que são educadores, no sentido real da palavra, conseguem verdadeiras transformações com seus alunos” (2003, p.53). A professora de ciências, de maneira dinâmica, estimulou minha curiosidade, e foi assim que nesse ano essa disciplina não foi tão difícil de estudar.

Enfim, a 8ª Série, o último ano do ginásio. Por mais que tente lembrar, não recordo de nenhum momento marcante nesse ano, exceto o fato de ter conseguido minha primeira nota vermelha. Como já havia atingindo a média no terceiro bimestre, não me esforcei para fazer todas as atividades propostas. Não me orgulho disso. Aprendi que não posso deixar de estudar algo só porque considero menos importante que outra disciplina, que tudo que foi ensinado tem um objetivo e que o professor se esforçou para que a aula acontecesse.

2.3. Ensino Médio: uma nova escola e as dúvidas sobre o futuro

O Ensino Médio foi inovador. Mudei de escola pela primeira vez. Tudo era novo, inclusive a própria Instituição: Escola Jovem G. Vilela. O prédio era um modelo diferente dos demais. É uma escola apenas de Ensino Médio. Todos os alunos estavam esperando muito da nova escola. Como havia imaginado, a equipe de gestores e professores era muito diferente da antiga escola. Havia profissionais mais jovens e com métodos de ensino diferenciados.

O 1º ano foi surpreendente. Descobri o gosto por discutir em grupo, participava das aulas, principalmente, de História, Filosofia e Sociologia. Comecei a compreender um pouco sobre os assuntos que considerava chatos. Foi então que descobri que essas disciplinas são essenciais para a formação de um aluno cidadão.

No ano seguinte continuei com a mesma turma. Era uma turma unida. Na realidade os dois 2º anos eram bem amigos. Não havia rixa de turmas, o que era muito bom para os professores quanto para os alunos. Lembro que nessa época a escola teve um desfalque no quadro de professores, por isso havia muitas aulas vagas então para adiantar matérias, os professores uniam os dois 2º anos e conseguiam lecionar sem nenhum problema.

O 3º ano foi muito agitado. Todos estavam em dúvida sobre qual faculdade cursar e onde iriam estudar. A equipe gestora e professores sempre levavam profissionais de várias áreas para falarem um pouco de suas profissões e assim auxiliarem os alunos nessa difícil decisão. Fazíamos simulado de vestibular e ENEM, além de competições de conhecimentos. Os profissionais da escola procuravam ajudar da melhor maneira possível.

Eu já havia decidido o que queria cursar. Apesar de gostar muito de exatas, humanas venceu. Desde muito cedo sabia que iria cursar Pedagogia. Creio que foi observando uns e outros professores que consegui perceber a importância desse profissional para vida de um aluno. Eu, por exemplo, sou uma prova disso. Já mencionei que a insegurança fazia parte da minha vida, se dependesse de mim nunca teria abrido à boca em uma sala de aula, jamais teria coragem de enfrentar os obstáculos durante os anos na escola, mas felizmente existem professores que se preocupam de fato com os alunos e quando decidem fazer diferença na vida desses, fazem e para melhor. Creio que esse “poder” de transformar foi o que me cativou.

3. PROFESSORES E SUAS PERSONALIDADES

Uma vez alguém me disse que cada pessoa que passa por nossas vidas é importante, seja ela um bom exemplo de pessoa ou não. Não entendi muito e perguntei como isso era possível então esse alguém me explicou que com as pessoas que consideramos exemplos a serem seguidos devemos observar suas atitudes e procurar inseri-las no nosso dia a dia, já com as pessoas que consideramos mau exemplo, devemos observar e fazer diferente dela aquilo que não concordamos. Pensando nisso resolvi compartilhar e problematizarei algumas experiências que me marcaram durante esses anos ao traçar tipologias de “personalidade” do(a) professor(a), que, segundo Rossini (2003) é de suma importância para o aluno.

Religiosa

Havia uma professora que não conseguia distinguir o profissional do pessoal. Ela vivia dividindo a turma entre os maus e bons alunos, quem ia para o inferno e quem ia para o céu, quem era a parte boa e quem era a parte podre da sala. Muitos alunos eram julgados por ela, simplesmente porque se achava no direito de julgar. Ela era a professora e sua palavra era lei. Ela não tinha respeito pela autonomia dos alunos, pensava que as crenças dela eram as certas e ponto final. Além de ter atitudes antiéticas, ainda parecia não ter conhecimento sobre a laicidade do país.

Discordo totalmente dessa atitude da professora, mesmo eu sendo evangélica entendo que o Estado é laico e que nenhum professor pode induzir os alunos a crerem em uma determinada religião. Pretendo trabalhar com os alunos de maneira neutra, não deixando minha crença interferir em suas decisões. Mesmo ela sendo minha professora das Séries Iniciais, lembro bem como era esse comportamento inadequado, em querer ser autoridade máxima em sala de aula.

Diário:

Apesar de ser um amor de pessoa, essa professora às vezes esquecia qual era sua verdadeira função na sala de aula. Ao invés de passar a matéria, ficava contando sua

vida pessoal. Depois, passava uma atividade qualquer e dava nota máxima para a turma toda.

Nada contra o professor querer contar uma história de sua vida, desde que essa tenha uma mensagem que possa contribuir para a formação do aluno. Ser ético e profissional é um dos pré-requisitos para trabalhar em qualquer área e uma sala de aula não é diferente. Um professor ético sabe como agir, o que falar e quando falar. Busca melhorar o processo educacional, seguir a proposta educacional da escola. Quando isso não acontece esse professor está sendo desonesto, pois está ali para ensinar e não contar sua vida.

Inovadora:

A Professora de Ciências fez de fato eu gostar dessa disciplina, tínhamos aulas práticas, não era tudo padronizado. Ela nos desafiava, incitava nossa curiosidade e fazia uma simples aula se tornar algo extraordinário. Nossos trabalhos não se restringiam a cartazes. Sempre fazíamos alguma experiência para demonstrar melhor o assunto abordado. Foi a primeira educadora que nos auxiliou de fato na elaboração de um trabalho. Ela não ficou apenas falando como fazer, mas ensinou como fazia. Não ficou ditando regras, mas orientando, dando ideias e tirando as dúvidas. Isso contribuiu para que os alunos se sentissem importantes e capazes.

Com certeza esse é um exemplo que pretendo seguir. Falar como se faz é bom, mas sugerir como pode ser feito é surpreendente. O aluno se sente mais animado e disposto a participar da aula.

Transformador:

Você percebe que o professor é transformador quando passa a amar uma disciplina que antes detestava e se pega estudando assuntos que antes considerava irrelevante. Você estuda até objetos inanimados e animais para conseguir uma nota boa. Foi exatamente isso que aconteceu. Eu odiava estudar História, até que um dia conheci um professor que me fez mudar de ideia.

Esse professor fazia a sala viajar no tempo. Era incrível a maneira como todos alunos se interessavam. Mesmo não usando métodos diferenciados em suas aulas, além

dos livros didáticos, esse professor conseguia prender a atenção de todos. Lembro que não ganhávamos livro didático de História, mas cada aluno levava o que conseguia. Por ser de editoras diferentes, às vezes as informações não coincidiam e isso provocava um interesse maior ainda nos alunos de modo que cada um pesquisava a fundo sobre o tema. As atividades normalmente eram questões que respondíamos e debatíamos. Era muito interessante. O professor de História, portanto, para mim era transformador no sentido que Carlos Cipriano Luckesi discorre:

Um educador, que se preocupa com que sua prática educacional esteja voltada para transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. (2008, p.46):

Tornar uma aula interessante com muitos equipamentos é uma coisa, mas tornar uma aula magnífica apenas com alguns tópicos no quadro e livros é fenomenal. A paixão que o professor tinha ao lecionar era admirável. Fazer o aluno se apaixonar pela aula, pelo conteúdo é um dos meus objetivos, pretendo trabalhar de maneira dinâmica, a fim de fazer os alunos se interessarem pelo conteúdo, sintam prazer em estudar.

Preguiçoso:

Infelizmente, existem alguns professores preguiçosos nas salas de aula. Mencionarei alguns exemplos. Um professor preferia passar todos os alunos, mesmo os que não haviam feito as provas, simplesmente porque preferia curtir as férias a ter que aplicara recuperação para os alunos. Outro professor, de Física, passava as atividades e não se importava com o que colocássemos no meio da conta, o importante era o resultado. Podíamos inventar qualquer coisa e colocar o resultado certo que ele aceitava. Vale ressaltar que ele falava o resultado de todas as atividades. Havia também o professor de Biologia que não apresentava as respostas, somente corrigia e avaliava o aluno desse jeito.

Esse tipo é outro exemplo que nunca quero seguir. Analisando as atitudes desses professores compreendo porque há muitos alunos que conseguem passar de série, contudo não sabem nada. Conhecimento é muito mais que uma nota no boletim, é o único bem que ninguém pode nos tirar depois que adquirimos. É triste saber que há muitos professores que não pensam assim.

Amiga:

Era uma professora muito competente, ética, pontual e justa. Além disso, era amiga. Se precisasse eu de algum conselho sobre qualquer assunto, ela ajudava, não na sala de aula, mas numa hora vaga na biblioteca, na hora do intervalo ou até mesmo na rua. Até hoje converso muito com ela.

Cultivar uma amizade é muito bom, principalmente, quando se sabe que a pessoa sempre estará disposta a ajudar. Penso que a relação de professor e aluno pode ser amigável, não só em sala de aula. Acredito que quanto mais amigo do professor o aluno se sentir, maior será seu desempenho na sala de aula.

4. O ENSINO SUPERIOR E AS DISCIPLINAS APAIXONANTES

Ainda no Ensino Médio fiz a prova do ENEM, porém como não havia acesso à internet, perdi as datas de inscrições. Fui tentar o vestibular na UNIR, e não consegui. Por alguma razão isso não me desmotivou, ao contrário me fez ficar mais atenta e persistente.

No ano seguinte tentei mais uma vez o vestibular da UNIR, passei na primeira fase e estava ansiosa pela segunda fase, porém no dia de fazer a prova me deu uma crise alérgica e não consegui me concentrar. Mais uma vez não consegui passar.

Em 2010 prestei o vestibular da UNIR/EAD e dessa vez consegui alcançar meu objetivo. Devido a alguns problemas, as aulas iniciaram em novembro de 2011, a princípio a aula presencial seria uma vez ao mês. Ficávamos o dia todo estudando. Tudo parecia ir bem, mas infelizmente o pior aconteceu. Houve uma greve e ficamos muito tempo sem estudar. Alguns alunos desistiram e outros foram para outras Universidades. Depois de muito tempo voltamos a estudar novamente, porém não tínhamos uma sala que poderíamos chamar de nossa. Nossas Tutoras na época, Flavia e Thais, lutaram muito conosco para conseguirmos um local de estudo. Primeiro ficamos mudando de sala em sala no prédio da UNIR, depois conseguimos uma sala na SEMED, onde aconteciam os encontros.

Nesse meio tempo muitos alunos desistiram e outros trocaram de cursos, preferiram iniciar um novo curso a continuar Pedagogia. Por fim, conseguimos nosso Pólo, graças à garra e a perseverança dos colegas e das Tutoras.

Não vou mentir e dizer que não pensei em desistir, mas aprendi a concluir tudo que começo, estou vencendo essa etapa. Difícil foi, porém a vontade de vencer foi maior que os obstáculos.

Enquanto estudava na UNIR comecei um curso Técnico em Nutrição e Dietética e um curso Técnico em Informática para Internet, esse não consegui concluir, infelizmente. Ao estudar nesses três cursos forcei muito meu físico e psicológico. Para meu próprio bem decidi desistir de um deles. Essa foi a única vez que não fui até o fim de um objetivo.

No curso de Pedagogia estudei muitas disciplinas. Todas foram muito importantes para minha formação, mas algumas com as quais me identifiquei. Relatarei um pouco sobre essas disciplinas nesse capítulo.

a) Psicopedagogia:

Aprendi que o psicopedagogo é o profissional que orienta e instrui a escola a respeito de muitos aspectos do processo de ensino-aprendizagem, realizando uma ação preventiva e sempre buscando a melhor maneira de solucionar o “problema”. Ele não deve investigar apenas o aluno, deve, entretanto, analisar quais os possíveis fatores que estão contribuindo para o regresso do desenvolvimento de conhecimento do aluno. Ao perceber que alguma criança está com dificuldade em acompanhar o que está sendo ensinado, o professor deve solicitar aos responsáveis do mesmo, que procure ajuda de um profissional qualificado, como um psicopedagogo. Este profissional deve fazer uma análise clínica com o estudante e observar se este sofre de algum distúrbio ou se é apenas uma dificuldade passageira. A primeira está relacionada há uma disfunção do Sistema Nervoso Central (SNC), enquanto a segunda pode ser associada a alguns ambientes, tais como: escolar, familiar, cultura, religioso entre outros.

Depois de realizada a análise e se o Psicopedagogo constatar que o aluno possui certo déficit de aprendizagem, o mesmo deverá relacionar fatores que prejudicam ou facilitam o progresso ensino-aprendizagem, em seguida desenvolver programas que garantam a melhoria da metodologia de ensino da Instituição e assim minimizem procedimentos que dificultam o desenvolvimento da aprendizagem.

b) Matemática I e II

A Matemática sempre foi muito importante para mim. Como já mencionei, sempre fui muito apaixonada por números. Na faculdade foi um pouco diferente. Não trabalhamos com números e sim com figuras geométricas, o Tangram. Foi uma das disciplinas mais divertidas. Voltei a ser criança, a fazer trabalhos manuais. A elaboração da história do tangram foi trabalhosa, porém recompensadora, muito satisfatória. A confecção das figuras também. A Matemática é muito mais que números, está em todos os lugares, no abrir de uma porta, nas combinações de uma roupa, por isso acho de

extrema importância aprender. Matemática. Contudo, há muitos que imaginam ela como um bicho de sete cabeças, esquecendo que aprender Matemática é muito divertido.

c) LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira)

Antes mesmo de iniciar o curso me apaixonei por LIBRAS. Achava interessante uma pessoa conseguir se comunicar usando gestos e expressões. Fiz alguns cursos depois que comecei a cursar Pedagogia, antes mesmo de iniciar a disciplina. Hoje é mais comum ver pessoas se interessando nessa área, mas há algum tempo isso era muito raro. Atualmente, algumas escolas oferecem cursos de Libras para ouvintes. Mesmo tendo a sala de Atendimento Educacional Especial (AEE), o surdo não irá se comunicar apenas com o professor daquele local, há funcionários e colegas que precisarão conversar com este. A disciplina de Libras deveria fazer parte do Currículo das Escolas Básicas.

d) Estágios

Quando falavam dos estágios que faríamos, fiquei muito apreensiva. Pensava que essa era a parte mais difícil de todo curso. Me enganei totalmente. Foram as disciplinas que mais gostei, pois nos estágios conhecemos a rotina de um professor, as dificuldades encontradas no dia a dia e as recompensas da profissão. São momentos indescritíveis: o sorriso dos alunos, o brilho nos olhos e a felicidade quando consegue resolver uma atividade. É um momento mágico. Conhecer na prática o que me aguarda no futuro foi muito satisfatório. O Estágio é o momento em que teoria e prática se unem para conseguir alcançar os objetivos.

As situações ocorridas em sala de aula foram muito gratificantes, visto que permitiu que eu tivesse um novo olhar, de como solucionar possíveis problemas e como agir no ambiente escolar, sempre optando a trabalhar com métodos mais eficazes a fim de alcançar metas traçadas. O estágio foi um período que me proporcionou momentos de alegria, pois pude contemplar vidas sendo transformadas em um curto tempo. Como também momentos de insatisfação, pois há muitos pais que não reconhecem a importância do Professor, como este pode ajudar a transformar o futuro de seus filhos.

O Professor deve ser capaz de identificar as dificuldades de cada aluno, e criar meios de trabalhar essas dificuldades de modo que o aluno consiga compreender o que está sendo ensinado. O Educador deve renovar seus métodos de ensino, sempre procurar trabalhar com algo que venha despertar o interesse do aluno de participar do processo ensino-aprendizagem.

No período de estágio, busquei desenvolver atividades dinâmicas e prazerosas, procurando despertar o interesse dos alunos em aprender, a buscar o novo, planejei atividades lúdicas e de fácil compreensão. Procurei trabalhar de modo diferenciado, creio que consegui. No Estágio I e II me colocaria como professora Inovadora, já nos Estágios III e IV, fui mais amiga, tanto que as vezes encontro com os alunos e converso com eles, como se aquela semana e meia que passamos juntos correspondesse ao ano letivo. Fico muito feliz que eles ainda se lembram de mim, penso que contribui um pouco para a formação deles.

e) Recreação e Jogos

Uma das últimas disciplinas do curso e divertidíssima. A proposta da disciplina foi a de formar equipes e desenvolver brincadeiras tradicionais. A turma toda participou. Mesmo não estando mais acostumados a brincar, conseguimos nos divertir.

Hoje compreendo a importância do brincar para a formação da criança. É brincando que se aprende. Aprendi que brincadeira é coisa séria e não um simples passatempo de criança, o brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança.

Ao estudar essas disciplinas me identifiquei com cada uma. Psicopedagogia e Libras são áreas que pretendo me aprofundar, fazer uma pós-graduação. Gosto muito de pensar que crianças com alguma dificuldade de aprendizagem estão tendo a chance de se desenvolver, se incluir. Matemática sempre será importante, pois sempre está presente. Os Estágios me ajudaram a compreender melhor esse Mundo Escolar. Jogos e Recreação me fizeram voltar no tempo e lembrar minha infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de ser Pedagoga não foi feita por falta de opção ou algo parecido. Escolhi esse curso pois vi que através desse profissional muitas vidas podem ser transformadas. Acredito que se há alguém que pode contribuir para o melhoramento da Sociedade, esse é o Professor.

Ao longo desses vinte anos como estudante, aprendi muitas coisas dentro e fora da escola. Mudei de opiniões algumas vezes. Enfrentei obstáculos que jamais pensei que ultrapassar. Vivenciei momentos surpreendentes e alguns angustiantes. Hoje percebo que, mesmo com todo conhecimento que adquiri, sei que tenho muito que aprender ainda.

Ensinar não é criar um conjunto de hábitos padronizados ou criar barreiras de proteção, poupando os educandos de descobrirem a realidade. Ensinar é contribuir para que o aluno desenvolva conceitos do certo e do errado, não interferindo, nem o abandonando demais, e sim o ajudando a construir sua própria opinião. A Educação, nesse sentido, abrange todos os passos e processos pelo qual a criança se transforma gradativamente em um adulto inteligente e bem desenvolvido, isto porque a Educação é um processo contínuo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da vida.

Do Primário ao Ensino Superior existiram professores fantásticos e outros menos competentes, mas como já mencionei, os bons eu uso como exemplo, os demais ficam só na experiência. Hoje olho para trás e vejo que houve muitos empecilhos para me fazer desistir, felizmente estou concluindo mais essa etapa. Creio que o futuro será promissor.

Ao elaborar esse Memorial, descobri e recordei muitas coisas. Foi difícil, mas também prazeroso. Ao relembrar minha infância acabei comparando-a com os dias atuais e vejo que houve muitas mudanças. Relembrando, percebi que muitas coisas que aconteceram durante minha vida como estudante contribuíram para minha formação e ainda irão ser muito útil daqui a alguns anos. Descobri muitos fatos sobre mim, alguns acredito que havia bloqueado, pois não são as melhores lembranças.